

A IDENTIDADE DA MULHER NA OBRA *PEDAÇOS DA FOME*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Cristiane Viana da Silva Fronza¹

Maria Edileuza da Costa²

Resumo

O trabalho versa sobre a obra romanesca *Pedaços da fome*, de Carolina Maria de Jesus, publicada em 1963. O estudo teve como objetivo analisar a identidade feminina, sobretudo da mulher na sociedade contemporânea e as mazelas que cercam essa personagem refletindo sobre a mendacidade através da qual uma menoridade inapetente e semota dos problemas humanos se locupleta mediante a fome e a miséria generalizadas e os conflitos inerentes. Carolina Maria de Jesus, nesse caso, apresenta ao público leitor, através dessa obra, uma figura feminina, aparentemente, submissa em uma sociedade baseada nas prerrogativas do patriarcado. Igualmente, a referida autora aborda sobre os diversos papéis sociais desempenhados pela representação da mulher no corpus. A presente perquisição fez uma análise voltando a atenção para a construção da identidade feminina da protagonista Maria Clara, no seu papel social de mulher e esposa, inquirindo o entrelace da expressão da interioridade ao desvelamento dos conflitos entre os indivíduos e desses com o mundo moderno, aparentemente vazio de valores e onusto de arbitrariedades, além do choque entre a obediência e imitação às performances instituídas historicamente como imanentes ao gênero feminino e a negação dessas posturas. Esse trabalho tencionou examinar a identidade feminina no romance caroliniano, através de teóricos como Bauman (2005), Hall (2005), Machado (2006), Schwantes (2006), Zolin (2005) e Butler (2003).

Palavras-chave: Literatura de autoria feminina. Identidade feminina. Patriarcalismo.

¹ Aluna do doutorado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: cristianevyanna@yahoo.com.br

² Professora Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: edileuzacosta@uern.br

1 INTRODUÇÃO

É c3ognito que a literatura de autoria feminina tem, possivelmente, procurado sua autossufici4ncia alicerçada em narraç3es que abordam e retratam sobre a presença feminina em variados eventos hist3ricos. Nesse consent4neo, vale ressaltar que a literatura produzida por mulheres brasileiras tamb3m integraliza essa procura quando oportuniza a promoç3o de narraç3es em que essas foram protagonistas de acontecimentos hist3ricos egr3gios, nada obstante, documentadamente marginalizadas no quadro hist3rico internacional e nacional.

Nessa continuidade, Scott (2002) reitera que as mulheres buscam pela igualdade social e ainda apresenta ao p3blico leitor que essa 4 ansiada por dois caminhos, nesse caso o dos grupos e o do indiv3duo. Nessa progress3o, a referida autora assevera que na sociedade hodi4rna, a legislaç3o 4 estabelecida intencionando o direito do cidad3o, sem embargo, as manifestaç3es sociais, presumivelmente, pretendem incorporar a noç3o de grupo para ter acesso a dessemelhanças que s3o reveladas como do ordenamento cultural e, por conseguinte, que transpassam os direitos do indiv3duo. Nesse seguimento, vale destacar que a autora supracitada mostra ao p3blico leitor que existe uma, aparente, inquietaç3o manifesta na composiç3o de uma identidade de grupo sobre a qual a diferenciaç3o est4 assente. Nessa contiguidade, vale ressaltar que a requisici3o por igualdade invoca e enjota as diferenças que, em um primo 4timo, n3o aquiesceram 4 igualdade.

Nessa prosseguç3o, vale salientar que os arqu3tipos femininos eram gerados na sociedade patriarcal com o objetivo de se tornarem filhas, esposas e m3es, assim reprodutoras da doutrinaç3o patriarcalista, ou seja, a construç3o da identidade feminina era constitu3da tendo como base fundamentos e princ3pios estritamente subjetivos e ideologizados.

O *corpus* que fomentou esse artigo foi a obra romanesca *Pedaços da fome* (1963), de Carolina Maria de Jesus, nesse caso, o presente artigo teve como objetivo analisar a construç3o da identidade feminina da protagonista Maria Clara no seu papel social de mulher e esposa. Nessa sequ4ncia, o percurso metodol3gico foi bibliogr4fico, esse inclui ainda o levantamento de informaç3es em jornais, revistas, colet4nea cr3tica sobre a autora, artigos, ensaios, teses e dissertaç3es de mestrados (impressos e virtuais). Isso porque pretende-se configurar melhor o universo da pesquisa, delimitar o estudo cr3tico sobre a construç3o da identidade feminina e sua inserç3o no campo liter4rio.

2 A IDENTIDADE FEMININA NA OBRA *PEDAÇOS DA FOME*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

É consabido que perdurante longo tempo à história foi escrita sob o prisma masculino e pela classe hegemônica. Destarte, esse tipo de estudo engendrou um material exíguo, ponderando meramente acerca da figura do homem como sujeito ecumênico. O patriarcado dispôs que mulheres fossem inferiores e, portanto, deveriam ser submissas aos homens, e esses, superiores, dominadores.

Para Rocha (2009) o verdadeiro responsável pelo *statu quo* feminino foi o acesso da mulher ao conhecimento. Bastou uma fissura na parede da alcova *sui generis* para que as luzes da gnose deslindassem a vida feminina e, sob toda a luminescência, a mulher marchou vindicando a tão ansiada manumissão. A mulher saiu do apedutismo em que vivia e lançou-se no mundo dos conhecimentos e das exequibilidades deslumbrando-se com as novas descobertas e possibilidades.

A circunjunção da arte literária, até meantes do século XX, tinha discursos imprescindíveis que circunscriviam espaços aforados de expressão e, conseqüentemente, emudecendo as produções declaradas "menores", resultantes de segmentos sociais "desautorizados", como as das minorias e dos/as marginalizados/as. Nesse sentido, o painel consentia, de um lado, a visibilidade das obras canônicas, a denominada "alta cultura", de outro, a obliteração da diversidade provinda das ópticas sociais marginais, que incluem mulheres, negros, homossexuais, não católicos, operários, desempregados, entre outros. (Zolin, 2005).

De acordo com Costa (2005), a construção de símbolos femininos na literatura brasileira pode ser visto como uma aparente preservação dos valores culturais. A obra de arte literária denota representações femininas, assim como as mulheres fora dessa realidade ficcional, que coalescem valores religiosos, moral, político e social. No que concerne ao contexto histórico e social, asseverativo às manifestações da heterogeneidade e da pluralidade e obnócio aos discursos holistas, a crítica literária feminista, assim como o feminismo apreendido como pensamento social e político da dissimilitude, sobrevém com o desígnio de desarranjar a legitimidade da representação, ideológica e tradicional da mulher na literatura canônica. Após um átimo primevo de malsinação e complexificação da misoginia que permeia as representações femininas consuetudinárias, ora prezas a nobiliarquia de sentimentos e ao caráter elevado, ora

relacionadas com a Eva pecadora e sedutora, o feminismo crítico volta-se para as formas de expressão proveniente dos próprios sujeitos femininos (ZOLIN, 2005).

Segundo Alves e Pitanguy (1991) ocorreu uma demarcação da sexualidade feminina e delimitação de um posicionamento social que as rebaixou, nesse caso, é sabido de uma comparência da perpetuidade de ideação, de imagens, de crenças que legalizam, perenizam e exibem repetitivamente a categorização de papéis sexuais. Nessa perspectiva, o conteúdo cultural é paramentado em prol de, aparentemente, elementos específicos que se alicerçam na biologia. Neste sentido, Alves e Pitanguy (1991, p. 39), dizem que:

O movimento feminista vem travando uma luta no sentido de denunciar os conceitos de “masculino” e “feminino” na sua oposição de “superior” e “inferior”. Esta hierarquização entre o masculino – “superior” – e o feminino – “inferior” – é uma construção ideológica e não o reflexo da diferenciação biológica. Esta diferenciação não implica em desigualdade.

De acordo com as autoras supracitadas, é interessante salientar que o movimento feminista tem, possivelmente, uma ação instrutiva porque ele mostra para a sociedade que historicamente as mulheres foram silenciadas pelos homens e que esses reproduzem continuamente a figura consuetudinária da mulher e assevera a pormenorização de atribuições tanto na casa quanto no ambiente profissional. Nessa interpretação, fica circunscrito que o ofício da mulher é costurar, cozinhar ou limpar a casa, e para os homens a aquisição de gnosticismo por meio das leituras de textos jornalísticos. Nesse segmento, a mulher é pusilanimemente ofertada em desposório como láurea, e ainda, vale rememorar que não é inquirido seu líbido.

Tendo em vista o interesse em desvelar a identidade feminina presente na obra *Pedaços da fome* (1963), a crítica feminista vem resgatar a mulher do papel de subjugada ou submissa ao homem, posto que “... trabalha no sentido de desconstruir a oposição homem/mulher e as demais oposições associadas a essa em uma espécie de versão do pós-estruturalismo” (ZOLIN, 2005, p 182).

Confome Meihy (1998), o ingresso de Carolina Maria de Jesus no contexto nacional aconteceu em um instante planejado, nos anos dourados da governança de Juscelino Kubitschek, em que a condição de vida da autora, narrada de forma tão árdua em seus diários, aparentemente, representava uma exabundante discrepância em relação aos ideais de modernização e democratização nupérrimos no país naquele período.

Nesse conjunto, a experiência de mulher pugnadora que sobrevivia graças ao lixo da urbe creditava como fundamento de interesse social. Dessarte, a autora citada se transfigurou em representante de temas que enlevavam o debate político da esquerda e da direita.

De acordo com Miranda (2013) é possível analisar a obra caroliniana pelo prisma da identidade feminina e sua experiência na província e na urbe, pois essa vivência gera caracterizantes divergentes no universo da protagonista. É cónito que durante a época que morou e viveu sob o valhacouto do pai lordaço, Maria Clara atuava e aquiescia de acordo com as propensões da camada social que fazia parte correlacionando-se de maneira ufana e intransigente com os que a circundavam. Unicamente quando se distancia desse meio a figura feminina muda sua forma de proceder e refletir, ao declivar de status social, de classe média alta para o pauperismo.

A produção literária de autoria feminina é um dos lugares possíveis para se traçar uma história do papel desempenhado pelo feminino no contexto social e cultural através dos séculos, no qual a mulher, na medida do possível, se revela através de sua escrita.

É patente que reflexionar a literatura de autoria feminina na pós-modernidade é notabilizar que nesses momentos de escrita feminina, provavelmente, determinados por uma multiplicidade de posicionamentos ideológicos que “desejam contestar os modos culturais dominantes (patriarcado, capitalismo, humanismo, etc.), ao mesmo tempo sabendo que não pode se desembaraçar completamente deles” (Hutcheon, 2002, p. 2), é axiomático, eventualmente, observar na figura feminina Maria Clara uma pluralidade de perfis femininos que não anuem com a ideologia patriarcalista imperante, apesar de comungar com essa que é também incumbida de consubstancializar um único conceito de feminilidade, correlacionado passividade e à objetificação e, conseqüentemente, inconciliável com a dissimilitude (ZOLIN, 2005).

Para Alves e Pitanguy (1991) a construção de um texto oriundo de suas próprias experiências e contextualização do seu universo, a mulher passa a ser sujeito de seu próprio querer, de sua existência, de sua palavra. A autoria feminina se dá, tênue, pelo sujeito que se reconhece através da palavra, na qual apresenta sua consciência, se realiza e se mostra. Nesse sentido, é resultado de um assenhoreamento, da asseveração do ser em meio a uma sociedade que porfiava em revir a escrita feminina furtiva, insulando essa e a criatividade da mulher, *in verbis*:

“Escrever, para estas mulheres, é ‘ultrapassar’ uma percepção única da vida; é construir mundos e neles apreender, discutir, apontar, enfim, serem agentes imprescindíveis à vida. As vozes-mulheres negras, são, portanto, as vozes, agora audíveis, não somente a própria voz, as vozes ancestrais silenciadas por séculos de exclusão. (...) Elas soltam as mãos e os olhares em seus teares, formando, aos poucos, nova roupagem para a literatura brasileira: a literatura afrobrasileira de autoria feminina. O papel das escritoras é escrever e inscrever a memória do povo negro pelo olhar de dentro; um olhar que recusa as omissões que a sociedade brasileira, sob a égide do mito da democracia social e racial, impôs e ainda impõe à população afrobrasileira (FIGUEIREDO, 2009, p. 105.).

De acordo com a supracitação é possível notar que a produção textual das mulheres negras é substancial porque apresenta ao público leitor um universo abscôndito da realidade dominante, bem como das disquisições históricas. Esses textos escritos pela mulher negra escaqueira os amarrilhos da linguagem, os açaimos ideológicos e os axiomas históricos, pois oportuniza uma nova forma de pensar dissonante do que foi estandardizado, nesse sentido, humanando essa mulher negra e tipografando um rosto, uma compleição física e um sentir mulher com idiossincrasias *sui generis*. (ALVES, 2010, p. 67).

Schwantes (2006) afirma que a representação pode ser analisada pela ótica de denudar um objeto do que lhe é adíforo e preservar o que é precípua, de modo que ele consiga simetrizar a todos os objetos daquele espécimen. Assim sendo, a representação da identidade feminina na literatura a partir do *corpus* traz à tona características gerais como o percurso existencial das mulheres, as perdas, nesse caso, de pecúlio, sobretudo nos vínculos familiares. Além de descobrir e sentir a miséria tanto no contexto de fome quanto a miséria social.

Segundo Pureza (2017) a obra *Pedaços da fome* publicada em 1963 é antagonica em relação às outras produções de Carolina Maria de Jesus, pois, aparentemente, essa tem um enredo consueto, de caráter ficcional, a voz narrativa é, possivelmente, heterodiegética, cuja história tem como protagonista a figura feminina Maria Clara, filha de coronel, que, por causa do amor, é ludibriada e injungida a estanciar na cidade de Guarulhos, em um cortiço.

- Que lugar horrível! disse Maria Clara. Dirigiram-se para uma habitação coletiva, Paulo empurrou o portão. A casa era muito velha. Maria Clara acompanhava-o desconfiada. “Que ambiente esquisito”. Foram para um quatinho lá nos fundos. No fim do quintal. Maria Clara fitava os varaes cheios de roupas, as crianças

brincando naquele corredor sujo e mal cimentado. Paulo deu-lhe um longo suspiro, reuniu suas forças e disse-lhe:
- É aqui a minha casa. (JESUS, 1963, p.71).

Em conformidade com o trecho supra transcrito, é possível notar a mudança drástica de habitação que Maria Clara precisou passar e, aparentemente, se readaptar após o casamento, pois essa realidade de morar em um cortiço era algo umbrático e até mesmo insólito pensando toda uma vida de espólios que ela possuía.

Nesse consentâneo, Pureza (2017) assevera que é interessante analisar as representações da fome e da escassez minuciadas na vida de Maria Clara. A fome é, provavelmente, considerada um objeto medular que assessoria não somente a urdir essa figura feminina, porém a tensionar informes da vida cotidiana dos desfavorecidos que habitavam a cidade de São Paulo. É sabido que as temáticas sobre a inópia material e o absentismo de cidadania são tópicos significativos na composição literária de Carolina Maria de Jesus e, conseqüentemente, cidade e escassez calcorreiam unidas na narrativa. Nesse sentido, a fome mostra-se, talvez, como um tipo de recurso dual, assim sendo, ela pode ser uma assombração que circuita os relacionamentos sociais dos personagens, nada obstante, sob outra perspectiva, ela é considerada uma ideia literária que ocasionalmente camufla outras relações sociais.

Hoje estou com fome, nada temos para comer. Recordando de sua juventude, aludiu com voz saudosa: que fartura na casa de papai! Lá ninguém passa fome. Os animais lá em casa são mais bem alimentados do que eu. E eu pensava que era o dinheiro que impedia a minha felicidade. Agora reconheço quanto sou infeliz. (JESUS, 1963, p. 84).

Segundo a supracitação, é interessante observar que a fome pode ser analisada como rudimento fomentador de conflagração, pois Maria Clara recorda sua vida de superabundância e ainda compara que os animais de sua antiga casa eram mais bem alimentados que ela na sua nova residência. Nesse sentido, a fome parece representar a variável que recopila a realidade do desabastecido morador do cortiço. E afigura um presuntivo termômetro do que seria a felicidade. Vale frisar que essa situação de transmutação social acontece quando Maria Clara, antes mulher e filha, passa a exercer seu novo papel social de mulher e esposa.

Ao pontuar a presença das mulheres negras na literatura afrobrasileira, é interessante atentar sobre o findado colonial, as condições de superexploração e a iniquidade vivenciada por séculos e que perseveram na hodiernidade através da

disparidade de exequibilidades e a discriminação racial velada ou ostensiva, descortinando a corpulenta dimensão racial que permeia a sociedade brasileira em todos os níveis. É manifesto que essa erigiu estirpes sociais por percurso longitudinal prolixo, com sustentáculo em dissemelhanças físicas, ascendência genealógica, sexo, enquanto gênero, e cor da pele, fatores usados para predeterminar, ou seja, elidir ou incluir, pessoas na estrutura social, engendrando, prováveis, planeamentos de valoração que terminam influenciando no pensamento anêmico, no posicionamento intelectual e na representatividade do imaginário nas artes, em geral, e na literatura, em particular. (ALVES, 2010, p.60).

Requistando sobre a hegemonia do patriarcado, segundo Bourdieu (2009), a dominação do masculino sobre o feminino assevera que o fato está vigente no processo diacrônico histórico do ser humano. Para o autor, a dominação do homem sobre a mulher é praticada por meio de uma violência simbólica, compartilhada impensadamente entre dominador e dominado, aprazado pelos esquemas práticos do *habitus*, conforme explicitado no trecho transcrito a seguir:

O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos 'habitus' e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma. Assim a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo e sem contradição, espontânea e extorquida, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõem. (BOURDIEU, 2009, p. 49-50).

As mulheres viveram durante muito tempo sob a dominação patriarcal e é perceptível que essa manutenção de subserviência continue apesar de presentemente haver movimentos de combate a essa realidade, pois a reprodução desse estereótipo de submissão feminina ainda se mantém de modo factual e ficcional.

Diante disso, a filósofa Judith Butler, em seu livro *Problemas de Gênero* (2011), apresenta ao público leitor seu afligimento com esse fato e aponta que, na verdade, a mulher foi, todo esse tempo, não somente representada, contudo mal representada na literatura. A autora afirma que o discurso feito pelo outro é

continuamente uma interpretação e jamais aufere representar na universalidade e com fidedignidade, e ainda bisa que esse é feito com determinados propósitos.

No condizente a obra objeto de estudo, essa mostra, aparentemente, a figura feminina Maria Clara, mulher branca e rica, oriunda de uma cidade interiorana de São Paulo que se apaixona por um falso dentista e foge com esse para a capital. Carolina Maria de Jesus expõe ao público legente a temática da pobreza pela perspectiva de alguém que já foi pecunioso, mas que sempre foi branco.

Nessa continuação, vale destacar que essa mudança circunstancial no que concerne seu boléu social foi ocasionada pelo himeneu, nesse sentido, Maria Clara pensava casar-se com um homem rico que manteria sua situação facultosa de uma mulher, aparentemente, amimada e jactanciosa, porém ela passa a viver uma situação de pobreza na capital paulistana.

“a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.” (Hall, 2005, p.13).

Segundo a supracitação, é possível analisar e compreender que a identidade não é fixa e permanente. Nessa perspectiva, ao examinar a obra caroliniana, a figura feminina Maria Clara pode, hipoteticamente, configurar a identidade feminina na sua pluralidade de papéis, formas de execução e implicações. Nessa lógica, a representação feminina desempenhava o papel social de filha, esposa, mãe e seguidamente profissional.

Era lindo o palacete, espaçoso, com lindos quadros nas paredes. No centro da sala estava exposta a mesa de doces, enfeitadas com flores brancas. Na outra sala um lindo piano. Maria Clara recordou-se de seus dois pianos. Um na fazenda e outro na cidade. Pensou em sua mãe. Será que ela já estava resignada com a sua ausência?

Ouvindo a voz de dona Maura pronunciando o seu nome assustou-se e pensou: - vim aqui para trabalhar Por um instante pensei que era uma das convidadas. Esta festa é para as pessoas de destaque. E eu... não mais pertencço a este núcleo. Para mesclar-se neste ambiente é necessário ter dinheiro. (JESUS, 1963, p. 163)

De acordo com o trecho supramencionado, é possível analisar e ratificar que a figura feminina Maria Clara desempenha na obra caroliniana diversos papéis sociais como filha, mãe e profissional. Nessa continuação, é presumível observar que a protagonista aprendeu a tocar piano, assim como as mulheres do século XIX aprendiam com o objetivo de ser uma filha e seguidamente uma esposa prendada para que o pai e/ou marido pudesse exibi-la a sociedade como seu adorno primacial. Em conformidade com o trecho da obra sobredito é factível que essa protagonista exerce todos esses papéis sociais, porém de maneira forçosa, pois ela rememora o momento de divíncias que tinha quando morava na província e depois percebe que sua realidade tinha mudado drasticamente, porquanto não era mais uma convidada da festa, mas uma fâmula dessa.

Conforme Hall (2005), a identidade globalmente imudável, cabal, veraz e congruente é, por conjectura, uma quimera. O autor assevera que a multiplicação dos sistemas de significação e representação cultural engendram uma pluralidade de identidades possíveis que o sujeito é acareado, bem como é provável que esse possa se identificar com pelo menos uma dessas prováveis identidades temporariamente.

Para corroborar com o supramencionado, Bauman (2005, p.17-18) consignou:

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’. Em outras palavras, a ideia de ‘ter uma identidade’ não vai ocorrer às pessoas enquanto o ‘pertencimento’ continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada.

Em unissonância com o susodito, a identidade é uma estruturação social e histórica, supostamente, amiúde remodelada na interação com o outro, por conseguinte, é fazível observar um evidente movimento vertical que reafirma que esses papéis intercorrem sincronicamente, nesse sentido, possuindo seus significados na relação, não obstante é similarmente examinado em conflito e metamorfismo.

A obra objeto de estudo traz à tona uma figura feminina que exerce variados papéis sociais que podem ser observados *exempli gratia* como a mãe, a esposa, a mulher, a filha, a patroa, a empregada, a branca, em suma, qualquer identidade que o sujeito, nesse caso, o feminino, use, possivelmente, para sua reconhecimento, por

consequente, vale sobressair que, talvez, a identidade feminina não estabelece esfacelamento, faneco, porém uma face cabal e cognoscível que convive em eurrítmia e/ou em conflito, com outras faces do mesmo sujeito, *in verbis*:

As guerras pelo reconhecimento, quer travadas individual ou coletivamente, em geral se desenrolam em duas frentes, embora tropas e armas se desloquem entre linhas de fronteira, dependendo da posição conquistada ou atribuída segundo a hierarquia de poder. Numa das frentes, a identidade escolhida e preferida é contraposta, principalmente, às obstinadas sobras das identidades antigas, abandonadas e abominadas, escolhidas ou impostas no passado. Na outra frente, as pressões de outras identidades, maquinadas e impostas (estereótipos, estigmas, rótulos), promovidas por “forças inimigas”, são enfrentadas e – caso se vença a batalha – repelidas. (BAUMAN, 2005, p.45).

Consoante o trecho supramencionado, é presumível observar que Bauman (2005) apresenta ao público leitor sobre as identidades que escolhemos e em contraposição a outras que repudiamos. Ele assevera que o sujeito também é pressionado por identidades maquinadas e impostas que são promovidas por “forças inimigas”, nesse caso, essas são entestadas e se auferidas são escorraçadas. No que concerne à obra caroliniana, é plausível analisar que a representação feminina Maria Clara escolhe o papel social de mulher e esposa, mas, aparentemente, fica compungida e aspira reassumir o papel de mulher e filha.

Nessa perspectiva, Hall (2005) afirma que o sujeito arroga identidades dissemelhantes e em diversas fases da sua vida, nesse caso, as identidades não são unânimas em derredor de um “eu” congruente. Ele reitera que o sujeito possui identidades antinômicas no seu “eu” interior e essas são impelidas para múltiplas rotas, assim as identificações desse sujeito acaba sendo sempiternamente demovidas.

Quando mamãe advertiu-me para afastar-me de você, que o papai tinha possibilidades para desfazer-se de você num segundo, eu lhe respondi que não pretendia separar-me de você. Que a nossa amizade era indissolúvel, que eu também tinha possibilidades para desfazer de minha vida. Podia atirar-me debaixo de um trem. Não compreendera bem os sentidos daquelas palavras. E agora que em encontro numa situação trágica não tenho coragem para eliminar-me, embora saiba que não posso adaptar-me neste ambiente. Como sofrem as pessoas que não sabem educar os seus desejos. E eu... não soube educar os meus. Na casa de papai eu tinha tudo que desejava. E me sentia infeliz. Lá havia abundância, conforto, tranquilidade de espírito, criados ao meu dispor. Estou arrependida da grande loucura que cometi amando-te e desposando-te. Uma mulher espera tudo de um homem, mas você não tem qualidades dominantes. Não tem habilidades. E, num desespero desorientado, continua Maria Clara a lamentar a sorte. (JESUS, 1963, p. 85).

No que concerne o susodito, é provável notar que a figura feminina Maria Clara está em conflito constante com a identidade escolhida de mulher e esposa oriunda depois do conjúgio. Nesse sentido, é observável que essa representação da mulher na obra de Carolina Maria de Jesus mostra ao público leitor conflitos internos como o arrependimento de sair da casa dos pais. Nessa continuação, a protagonista parece acriminar o marido pela condição de vida miserável que agora ela pertencia, pois essa reitera, como discurso reprodutor do patriarcado, que era dever do homem assumir o papel de mantenedor da família ou de dominador.

Nesse seguimento, é factível analisar que a figura feminina Maria Clara desconstrói a representação de mulher agudamente submissa, historicamente e marcadamente presente no século XIX, pois ela enfrenta o consorte e diz que ele deveria trabalhar para sustentar a casa e os filhos. Nessa sequência, a obra de Carolina Maria de Jesus apresenta ao público legente uma figura feminina que rompe com os padrões sociais de uma mulher que tinha como principal papel social ser dona-de-casa e mãe. Maria Clara, aparentemente, traduz na narrativa pós-moderna dessa autora uma representação de mulher que revisa os valores marcadamente da época da industrialização paulistana, com destaque para a configuração de identidade feminina plural e fragmentada.

Nesse sentido, é possível analisar a obra caroliniana, nesse caso, *Pedaços da fome* (1963), pelo viés que o livro permanece sendo, aparentemente, imagem do mundo. E como tal, é tanto mais total quanto mais fragmentado (DELEUZE, G. & GATTARI, F. 1995).

Em consonância com o dito anteriormente, a obra objeto de estudo, por conjectura, apresenta ao público leitor uma figura feminina que representa uma mulher capaz de enjeitar as imagens convencionais, documentadamente, a ela assente pelo discurso patriarcalista que roborava que as mulheres, de um lado eram frágeis e excessivamente delicadas, e por outro lado, eram abalizadamente perversas. A mulher que sobrevém nos anos de 1960 é divergente das mulheres de séculos passados, pois são capazes de se pluralizar para que consigam atingir todos os objetivos que os outros esperam, bem como aqueles que elas ambicionam. Essa mulher pós-moderna representada na literatura de autoria feminina pode competir no mercado de trabalho, nobilitar com os múnus de mãe, esposa e dona-de-casa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como intento analisar a construção da identidade feminina da protagonista Maria Clara no seu papel social de mulher e consorte na obra *Pedaços da fome*, de Carolina Maria de Jesus. O caminho metodológico foi bibliográfico, desse modo, a perquirição bibliográfica esteve presente em todas as etapas da disquisição. Nessa continuidade, essa integrou ainda o levantamento de informações em jornais, revistas, coletânea crítica sobre a autora, artigos, ensaios, teses e dissertações de mestrados (impressos e virtuais).

Vale notabilizar que a identidade feminina na obra objeto de estudo é, presumivelmente, a construção e a desconstrução de arquétipos já preestabelecidos pela sociedade patriarcal, pois a figura feminina Maria Clara é marcadamente filha, esposa e mãe, nesse sentido, ela segue os padrões que a sociedade patriarcalista impõe às mulheres, nada obstante, ela desconstrói essa ideia quando assume o papel de profissional e passa a ser a provedora da família, pois seu marido parece evadir-se dessa função social que é, teoricamente, determinada ao homem. Nessa lógica, a obra objeto de estudo parece asseverar que a identidade feminina seria uma categoria elástica, pois é instituída de resistência e, isocronicamente, probabilidade de subversão, nessa concepção, facultando ao sujeito feminino identidades plurais e multifárias.

Em resumo, *Pedaços da fome*, de Carolina Maria de Jesus traz à tona uma representação de mulher que transgride com o estereótipo esperado pelo discurso patriarcalista que reproduz que as mulheres deveriam ser filhas, esposas e mães, nesse caso, boas mães que continuamente estressaria esses discursos a seus filhos e assim o evo da subjugação feminina seria mantido. É significativo evidenciar que a protagonista era uma figura feminina branca e rica que morava no interior de São Paulo e fora educada como as mulheres do século XIX que aprendiam a tocar piano para impressionar seus pretendentes. Maria Clara casa-se com um suposto dentista que dizia ser rico. Dessarte, iludida que continuaria pecuniosa, além de encantada com a beleza de um homem da capital aceita o matrimônio, apesar dos pais serem discordantes. A figura feminina exerceria o papel social de esposa, mãe e profissional. Nessa lógica, aparentemente, de modo bastante hermético, a obra caroliniana parece apresentar ao público leitor a desconstrução da identidade una de mulher e a produção de uma inaudita identidade que ela poderia gerar e que não fosse imperiosamente produto do alvedrio daqueles que a representam, conquanto imbuída por resquícios da ordem patriarcalista.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo?* São Paulo: Abril Cultural, 1991.
- ALVES, Miriam. *BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2003.
- COSTA, Maria. Edileuza. *O mito feminino: de Marília á Capitu*. João Pessoa (PB): UFPB, 2005, Tese Doutorado.
- DELEUZE, G. & GATTARI, F. Introdução: rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1. São Paulo: Ed. 34. Coleção TRANS. 1995.
- FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de. *A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações*. Dissertação. (Mestrado em Literatura Brasileira). Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais/Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2009.
- HALL, Stuart, *A Identidade na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Guaracira Lopes Louro, 7 ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HUTCHEON, Linda. A incredulidade a respeito das metanarrativas: articulando pós-modernismo e feminismos. Trad. Margareth Rago. *Labris – Estudos Feministas*, n. 1-2, julho/dezembro de 2002.
- JESUS, Carolina Maria de. *Pedaços da fome*. São Paulo: Áquila, 1963.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. *Revista da USP*, São Paulo, v. 37, p. 82-91, 1998.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética*. Dissertação (Mestrado em letras)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo–USP, São Paulo, 2013.

PUREZA, Fernando Cauduro. Representações da fome: carestia e racialização na obra *Pedaços da fome*, de Carolina Maria de Jesus. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 66, p.52-68, abr. 2017.

ROCHA, Patrícia M. S. *Mulheres sob todas as luzes: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcalismo*. Projeto patrocinado pela Lei de incentivo à cultura, Belo Horizonte. 2009.

SCHWANTES, Cíntia Carla Moreira. *Dilemas da Representação Feminina*. OPSIS – Revista do NIESC–Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos Culturais. Dossiê Gênero e Cultura. Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Catalão-GO, Vol. 6. 2006.

SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal*. As feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Ed Mulheres. 2002.

ZOLIN, Lúcia. Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (orgs). *Teoria literária, abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2.ed. Maringá: UEM, 2005.